

V.F.



ILUSTRACÃO
PORTUGUEZA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»

Director—J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor—ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Hespanha:
Trimestre 6\$50—Semestre 13\$00—Ano 26\$00
COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre 14\$00—Ano 28\$00
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00—Ano 34\$00

NUMERO AVULSO, 50 CENTAVOS

Redação, administração e oficinas:—Rua do Seculo, 19, LISBOA

A BELEZA É ETERNA

Depilatori, electrico radical e inofensivo: o unico que tira progressivamente os pelos para sempre, O MELHOR DO MUNDO.—*Bescamação artificial*: o processo mais moderno de rejuvenescimento, com a mascara de beleza; tira manchas, sardas, rugas, vermelhidão e todas as imperfeições da pele.—*Productos de Lirie florantino*: tiram os pontos pretos do nariz e rosto.—*Productos eosmeny*: contra a vermelhidão do nariz e rosto; resultados seguros.—*Productos d'Acacia*: para curar a gordura e luzidio da pele, dando-lhe um aveludado incomparavel.—*Productos Cynelle*: fecham os poros, tornando a pele unida e fina.—*Productos Yldizienne*: para fazer crescer e alongar as pestanas e sobrancelhas, curando todas as inflamações.—*Productos Mesdjem*: para a toilette das unhas, com uma lição e para os cuidados das mãos.—*Productos Mizabilla*: para fazer desaparecer as rugas e rejuvenescer.—*Productos Slaffe*: para emagrecer o rosto ou o corpo.—*Productos Orion*: para engordar o rosto ou o corpo.—*Productos electrico*: para diminuir ou desenvolver e enrijecer os seios; resultados em 3 tratamentos.—*Productos Yldizienne*: para a beleza e conservação dos dentes sãos e contra os dentes descarnados.—*Productos Rainha da Hungria*: fazem a beleza e hygiene da cuias, evitam rugas e todas as doenças de pele.—*Productos contra acnes*: ainda que as mais antigas.—*Productos sudorificos*: contra a transpiração do rosto, corpo e pés.—*Productos Mesojem*: contra os joanetes, olho de perdiz e calos.—*Productos Imperatrix*: branqueia a pele naturalmente, ainda que muito morena.—*Productos esmalte*: branqueia a pele artificialmente sem se conhecer.—*Cremes de massagem, medica e estetica*: para emagrecer ou para engordar o corpo ou rosto.—*Productos de grande beleza*: para as faces, labios, olhos, boca, cabelos, mãos unhas, seios, toilette intima e grande toilette, etc., etc.—*Saes para banho e sabonetes*, pós de talco, vinhos de toilette, etc., etc.—*Productos Kaskarina*: para tirar

para quem usa os produtos da ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA e faz as massagens ou compra os aparelhos electricos indicados. E' a unica casa em Portugal onde se fazem tratamentos serios. Todas as senhoras que se presam devem experimentar uma só massagem para confronto, e os seus produtos para os fins desejados a seguir

verrugas.—*Balsamo Yldizienne*: para tirar os sinais, das bexigas e todas as cicatrizes aderentes ou chloides.—*Schampoos para lavar a cabeça*: especies para as diferentes cores do cabelo, evitando e tirando a caspa, fazendo-os crescer.—*Productos Yldizienne*: para pintar os cabelos em todas as cores e recolora-los naturalmente ser; pintar, curando a calvície, calvície e todas as doenças do couro cabeludo em todas as edades e em todos os casos.—*Brilhaninas especies para usar com estes productos*: para fazer e favorecer a ondulação Marcelle, para desfrisar os que são excessivamente naturalmente frisados.—*Regenerador Masdjem*: para corar os brancos em 8 dias.—*Pós d'arroz scientificamente preparados para cada natureza de pele*: cooperistica, fiavelada, seca, gorda, vermelha, rugosa, cezumata, com sardas, pontos negros, herpética, com verrugas, com manchas, etc., etc.—*Alcoolatos*: para queimar, perfumando e desinfectando os aposentos.—*Aparelhos electricos, vibratorios e de alta frequencia*: abricados especialmente para o metodo de massagem estetica e medica empregado por Madame Campos, com catalogos illustrados ensinando todos os tratamentos.—*Aparelhos especies*: para corrigir os defeitos esteticos do nariz, das faces, da segunda barba, etc., etc.—*Aparelhos*: para afinar os dedos e tirar os joanetes.—*Aparelhos*: para o desenvolvimento e enrijamento dos seios.—*Aparelhos*: para os douches dos olhos contra as ruas, fraqueza da vista, olheiras, papos nas palpebras e para dar brilho aos olhos.—*Pentes e escovas electricas*: para curar a calvície e fazer crescer o cabelo.—*Esponjas electricas*: para massagens.—*Estojos*: para unhas e todos os utensilios para manicure.—*Pulverisadores a vapor*: contra as rugas, para fechar os poros e contra doenças de pele. Lampadas de luz para o tratamento da pele.—*Aparelhos Orion*: para a massagem manual. Escovas para a massagem pessoal do corpo, com electricidade e sem electricidade.

Academia Scientifica de Beleza
Avenida da Liberdade, 25—LISBOA

DESCONTOS AOS REVENDEDORES. Vendas por grosso e a retalho. Telefone 3:641-N. Teleg. Belazak. Resposta mediante estampilha. Catalogos illustrados com todos os tratamentos e productos a 1\$100

O passado, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-
mante e visionomista da Europa

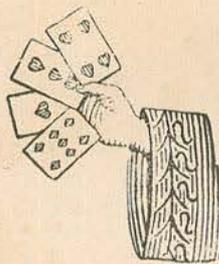
Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; e incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quimromancias, cronologia e filzologia e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenitney, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas todos os dias uteis.



das 11 da manhã as 7 de tarde, em seu gabinete: 43, RUA DO CARO, 43, sobre-
sola) — LISBOA.

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no
passado e presente e
prediz o futuro.

Garantia a todos o:
meus clientes: com-
pleta veracidade na
consulta ou reem-
bolso do dinheiro.

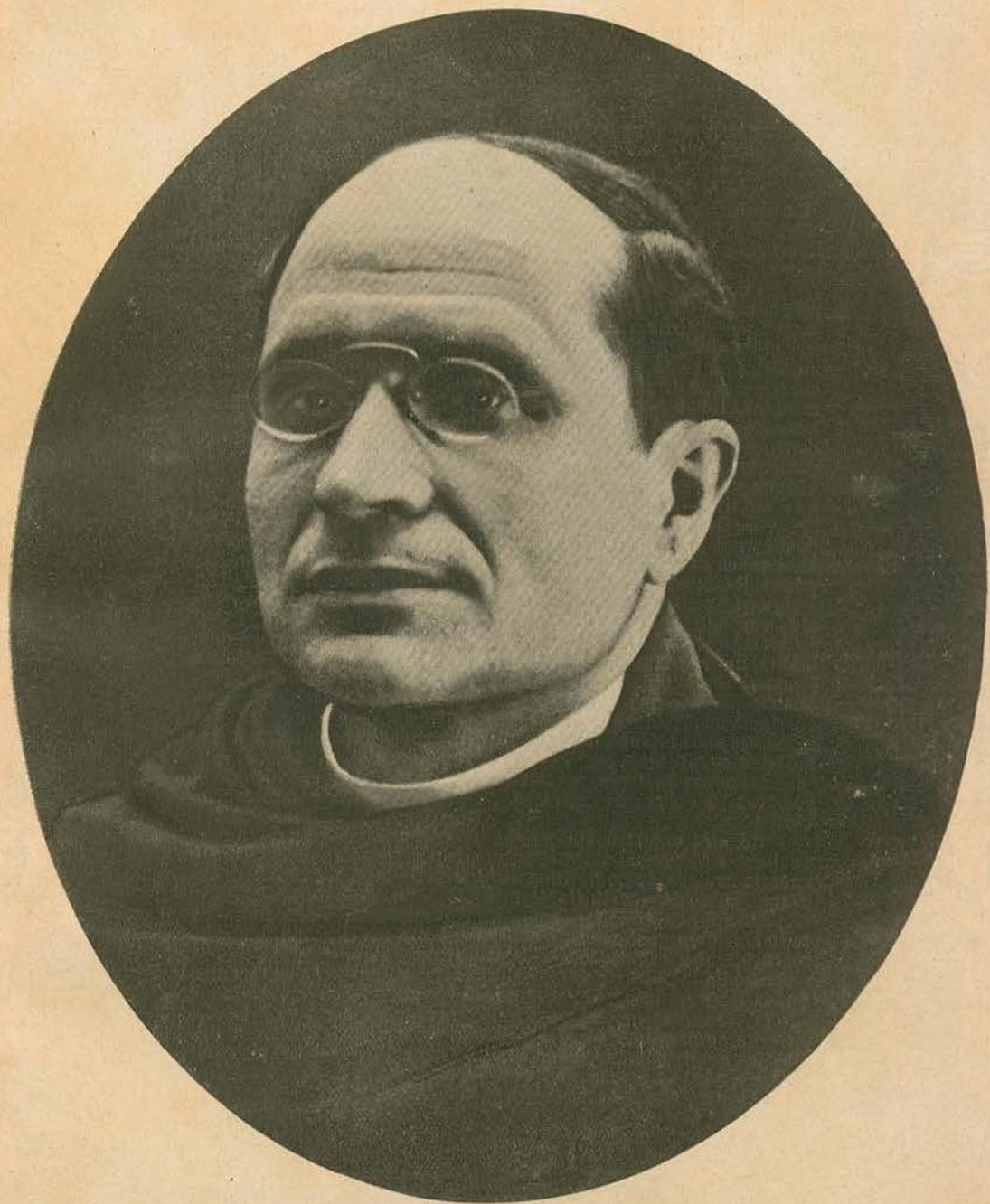
Consultas todos os
dias uteis das 12 ás 3
horas e por corres-
pondencia. Enviar 1
cent. para resposta
Calçada da Patriar-
cal, n.º 2, 1.º, Esq.
(Cimo da rua da Ale-
gria, pedroesquina).

Vêr, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO «SECULO»

PREÇO, 20 CENTAVOS

ILUSTRACÃO PORTUGUESA



DR. ELIAS D'AGUIAR

O ilustre regente do Orfeon de Coimbra, alta inteligencia, organisadora d'artista, que soube ressuscitar a grande obra lirica e nacionalista d'Antonio Joice.

Carta a uma amiga romantica

Minha excepcional amiga. — Você ficou admirada por vêr a minha letra neste sobscrito branco. Não se admire. Era de esperar. Era fatal. Era inevitavel. Depois da sua attitude de ontem á noite — eu ficava de mal com a minha intelligencia se lhe não escrevesse. Para lhe dizer o quê? Vai vêr. Tenho a certeza que será uma surpresa para si a minha carta de hoje. Não devia ser. E eu vou explicar-me depressa.

Tenho que recordar um pouco o que se tem passado entre nós. Eu bem sei que hoje já não se usa recordar. A vida não está para saudades — está antes para projectos. Não se vive do que morreu — vive-se do futuro. Ninguem se importa da palavra *ontem*. Os espiritos vibram, unicamente, com a palavra *amanhã*. Mas eu tenho, pela ultima vez, de lhe falar do tempo que vivêmos. Faço-o com tristeza, mais do que tristeza, contrariedade. Paciencia. Você ha de lêr-me até ao fim — disso não duvido um segundo.

Eu conheço-a ha um mez, não é verdade? Já vê que o nosso passado não vai muito longe. Conheço-a ha um mez — e já lhe vi mais duma *toilette* por dia — por dia e por noite. Você é a mulher das mil e uma *toilettes* — das mil-e-uma-noites... Sempre que a encontrava, sempre que a observava, eu tinha a impressão duma creatura excentrica, com enormes vaidades e incompreensiveis attitudes. Lembrei-me do *flirt*. Mas não. Consigo, era melhor a amizade só. Você era destas raparigas de quem só se pode ser amigo — amigo até á ultima, amigo apesar de tudo, amigo heroicamente, definitivamente... Mesmo sendo mais que seu amigo — pensava eu — mesmo tendo com você a intimidade excepcional que eu tive — era preciso tomar sempre um aspeto camarada. Nada de frases sentimentaes, nada de escroqueries liricas. Você devia estar prevenida. Os seus olhos deviam abrir-se, largamente, e todas as ciladas da emoção deviam ser facilmente evitadas por si. Resolvi ser, por tanto, seu amigo — *tout court*. E fui. Um amigo que mais parecia um *béguin*, um amigo que apparecia consigo em toda a parte, que saia consigo, de madrugada, de todos os teatros, de todas as *soirées*, de todos os *rendez-vous* — mas, emfim, convencionalmente, um amigo. Era encantador — e duma comodidade unica. Não sabia nada de si. Só que era loira, certamente dum loiro falso; que era magra, duma falsissima magreza, tambem; sabia que a sua nuca era de seda e que as suas mãos, os seus labios e os seus olhos eram extraordinarios malabaristas enervantes...

Passaram as horas, maciamente, como nuvens... Não havia sombras — sombras de conflitos, de exiencias, d e complicações cardiacas.

Até que ontem á noite você resolveu fazer confidencias, declarar-se uma exilada de ternura, apertar-me os dedos com a energia tragica duma heroína de Bourget — e pôr os olhos em espasmo, como uma walkiria amorosa.

Isto foi uma traição — uma deceção suprema. Você tinha-me feito cair num *guet-apens*. Você, afinal, era um figurino futurista a emoldurar um imperdoavel figurino romantico.

Eu não lhe disse nada. A' despedida, beijei-lhe a mão como a uma infanta antiga. E agora decididamente, venho pedir-lhe a minha demissão de camarada. E quando quizer tornar a vêr-me — ha de prometer não falar da sua alma nem das suas confidencias sentimentaes — e deixar o seu corp, livremente, falar por si. Ele é ainda a sua melhor alma, a sua melhor confidencia...

O ultimo *shake-hands* do seu, desolado:

João AMEAL.

O ORFEON DE COIMBRÁ



Albino Pinto
Ensalador dos Barítonos



Joaquim Torres Reis
Secretario da Direcção



Eduardo Campos
Vogal da Direcção



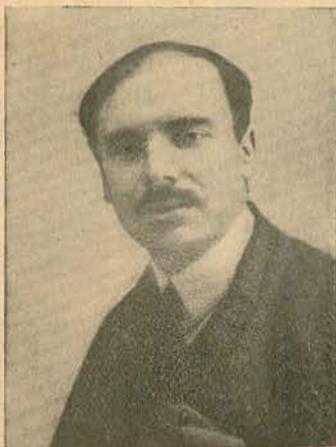
Jeronimo Lutz da Costa
Presidente da Direcção



Dr. Alfredo Matos Chaves
Ensalador do Grupo Dramatico
do Orfeon



Jacob Pinto Corrêa
Tesoureiro do Orfeon



José Pereira Gens
Ensalador dos Bassos



Alvaro Campos
Ensalador dos 1.ª Tenores



João Paes
Ensalador dos 2.ª Tenores



Julio Brandão, entrevistado pela *Ilustração Portuguesa*

JULIO BRANDÃO

Lá ao fundo, lá ao fundo... Lá no velho convento de Santo Antonio da Cidade, a «São Lazaro» — o jardimito provinciano, calmo, só-lheiro, onde as margaridas florescem por entre a relva dos canteiros e as magnolias luzidias ensombram os bancos de ripas e o coreto festivo dos domingos... — eu atravesso uma de essas salas do «Museu Municipal do Porto». São salas genuinas de museu — salas acanhadas, salas a abarrotar, onde o sol, neste baço dia de abril inverniço, alumia tão tristemente que põe até em leves coisas de Arte um desgostoso tom de soturnidade ou morte! Eu passo, lento. E os meus olhos param, aqui e além... Aquí, seja, nas mitras, sumptuosas e arrogantes, do Paço Episcopal, poidas no seu oiro antigo, nostalgicas no apagado fulgor das esmeraldas, das perolas e dos rubis — rubis, esmeraldas e perolas que, apagadas outr'ora pelo aroma religioso do incenso, perante Deus, extasiaram a humildade do povo, deslumbraram altivos olhos de fidalguia ou realzaa...

...Logo, além, em pratos arabes, — uma meia duzia deles, preciosos e raros, fundos, a afunilarem, a trazerem-me á lembrança — e nem sei porquê!, certa moça maometana, dum trigueiro de Africa, que, numa tarde esbraseada, sobre os meus poisou seus olhos negros, ardentes de volupias, vagarosos de indolencia...

Depois, cruzei as pratas, hieraticamente scintillantes, e vi as joias — mas entre as joias um anel secular, um anel gigantesco, um monumento de anel wisigotico, do anel real talvez dum Ataulfo, Leowigildo ou Wamba...; e braceletes de oiro, fortes, rudes, toscos, grilhetas antes que adornos, amolgados e unicos braceletes de celiberas...

E depois os cristais, depois as falanças — mas encarceradas, sufocadas em armarios esguios, prisioneiras, elas que correram o mundo, porque se são do «Rato», de Darque, de Gaia, são tambem da Holanda, Grá-Bretanha, hispano-arabes, de Talavera, do Oriente...

E a numismatica?

Dessa, enorme, imensa — talvez a mais completa colleccão de Portugal, dessa é já Julio Brandão que me fala no seu gabinete pequenino e simples de director de museu.

— Oh! Se soubesse, se adivinhasse a difficuldade, o trabalho de organizar, de disciplinar o que vim encontrar misturado, encaixotado... Mas neste recanto de convento é impossivel realizar o que desejo. Depois, depois, quando o edificio se aumentar...

— Dedicar-se então carinhosamente ao «Museu»?

— Sim. Tenho-lhe dado o melhor do meu esforço, da minha actividade...

— O que, decerto, prejudica a sua obra de escritor...

Julio Brandão parece, a principio, hesitar na resposta.

E' que o «Museu», se porventura o distraiu da sua obra propriamente de prosador e de poeta abriu-lhe o caminho paciente, laborioso, erudito — mas sempre interessante pelo novo dos aspectos, dos trabalhos de investigação. E Julio Brandão, fitando-me luminosamente com os seus olhos miudos e vivos, na esperanza duma revelação, com um entusiasmo que facil se reconhece fundo embora fique na ignorancia duma calma, fala-me então das monografias de que cuida:

— Mas, a primeira a ser conhecida do publico, é sobre um nome de pintor quasi ignorado. E comtudo foi ele dos que mais influencia teve sobre os pintores portuenses, seus contemporaneos do seculo passado. E' um filho do archi-duque de Hesse — Augusto Roquemont!

— Augusto Roquemont?

— Não conhecia? Pois Roquemont, sendo um pintor de genero, de interior que se distingue, é, principalmente, um extraordinario, um grande retratista. Olhe: por ai tem alguns quadros dele.

Afastando o olhar dum Sequeira, eu procurei então as telasinhas que Julio Brandão me indicava — para ter ainda agora na minha frente uma paisagem do Douro,

admiravelmente de hoje, dum impressionismo forte, vibrante, numa tonalidade ruiva e calida; e uma figurinha miniaturalmente doce de mulher, tão leve, tão delicada, tão gentil que ainda agora no meu mimó, se deseja, se cubica...

— Note: Roquemont além do seu talento artístico era invulgarmente culto. Basta reparar no facto singularmente significativo de ser o mesmo Racsynski quem o consultava e ouvia com respeito.

— E essa monografia quando será publicada?

— Logo que aqui, nas «Belas-Artes», se efectue a minha prometida conferencia sobre Roquemont. Nessa altura procurarei reunir os melhores trabalhos dele, espalhados por varias casas particulares do Porto, para serem expostos em conjunto. Julio Brandão fala-me, a seguir, dos seus livros — quasi todos esgotados. Da «Maria do Ceu», de que sairá dentro em pouco a 3.^a edição; do «Jardim da Morte», dos «Cantares» na deliciosa ediçãozinha «Aurea» do «Lelo», das «Memorias dum Amoroso», os seus ultimos contos...

— A primeira série dos estudos criticos que tenho publicados no «Primeiro de Janeiro», «A margem dos livros», «Poetas e Prosadores», sairá em breve tambem.

— Reune-os todos?

— Não. Quasi todos. Aqueles onde deixo mais traços dos perfis literarios ou onde acentuo os meus pontos de vista esteticos e de critica.

— Que estão dentro do processo impressionista?

— Evidentemente. Cada vez me convengo mais de que nós nunca saímos de nós mesmos.

— Está v. ex.^a na escola de Anatole, de Lamaitre, não é verdade?

— Sim. A critica objectiva como sciencia — a critica á Brunetière, afigura-se-me que será sempre uma coisa extremamente vaga, fragil, inconsistente. E se o que nela ha feito, vale, ainda é só pelo talento, pela sagacidade do seu mestre e não pelo processo.

— Mas a sua visão artistica deve ter mais ou menos afinidades com alguma corrente literaria?

— Duma maneira determinada, talvez! Em absoluto, não. Porque, como o póde verificar nos meus artigos criticos, eu sou o mais tolerante que é possivel ser-se.

O que quasi unicamente me preocupa é a beleza e o talento que a obra do Artista possa encerrar. Sendo um idealista é natural que me incline para todas as formas de espiritualismo elevado — que não posso confundir com ideias restritas ou sectarias.

— Com simpatia portanto pela chamada «Arte pela Arte?»

— «Distinguo» (E para este repentino latim houve um sorriso muito sério...) Admiro-a, como tudo que seja Arte. Mas creio que toda a expressão estetica póde ter uma refulgencia de idealismo, de bondade, de virtude, — até «daquella religião do sofrimento humano!», sem que isso vá prejudicar o seu esplendor formal. E se a vida é toda ella feita de illusões e de ignorancias o preferivel será optar por aquella que nos fôr mais doce...

— Schopenhaueriano...

— Mas não é assim?

— ... E... Wilde?

— Wilde, como por exemplo um Mallarmé; são casos especialissimos de diversa patologia.

— Por isso é que ambos foram sinceros na sua Arte. A sua Arte era como a sua vida!

— E por isso mesmo é que nos interessam. Toda a Arte vale pela sinceridade com que é feita.

— Mas — eu vou insistir ainda: não tem preferencias, pelo menos, de autores?

— Ha certamente alguns que releio mais vezes. Mas para lhe mostrar como nos podem interessar, sem faciosismos, todos aqueles que sejam grandes, as minhas predilecções — e isto abstraindo os autores nacionais e só dentro dos idealistas, saltam do Heine ao Maeterlinck, do Anatole ao Dostolewski — esse Shakespeare do romance!, cujos «Pobres» e outros seus livros julgo do mais assombroso que se tem escrito.

— E agora, então, dos portugueses?

— Dos chamados românticos — e afinal nós somos todos românticos!, penso que muito devemos a Garrett. E nisto — vá em aparte, divirjo da opinião do meu velho amigo e camarada Eugenio de Castro, cujas lançadas a favor de Castilho... me parecem dum Dom Quixote fulgurante.

— Mas não gosta de Castilho?

— Admiro-o muito. Releio-o muito. Mas achal-o superior a Garrett e a Herculanó. — e provavelmente a Camilo, parece-me, repito, um gesto... de originalidade brilhante. A Garrett devemos o bom gosto, o amor das tradições poeticas da Patria, a elegancia moderna da frase, a leveza que entretanto vóo alto como uma aza...

— E o Eça?

— Eça continua em grande parte essa obra de elegancia e bom gosto e é o escritor que marca mais fundo na evolução da lingua.

— Mas Camilo...

— Camilo é o ultimo dos grandes classicos. O Eça um reformador quasi revolucionario que, com todo o seu sabór de desnacionalisação, actuou profundamente nas modificações formais da nossa literatura, desarticulando a sintaxe, dando ao vocabulario mais pobre o maior poder expressivo e tamisando tudo dum humorismo e dum lirismo deliciosos...

Julio Brandão acende agora um dos seus cigarros negros. E é por entre o fumo que sobe, que se perde, que se esvai — que êle me fala das suas criticas publicadas para se referir aos escriptores de agora... A sua opinião — lá está, limpida e alta. Falei-lhe depois na tendencia regionalista. Falei-lhe numa arte sã e forte e grande que sendo nossa no mais intimo, podia sêr, no entanto, eternamente humana.

Julio Brandão — o critico desassombrado por consciencioso e culto, florente por Artista, respondeu-me que de tal modo o achava necessario e excelente. Quis ter então para comigo, a gentileza sensibilisante de saber do meu livro — do meu misterioso «Ritmo de bilros...» Por fim, é claro, haviamos de ir para os ultimos, para os «novos», para os «modernistas», com sinceridade marcada, com carinhosa confiança, Julio Brandão disse logo:

— Nos «novos» — ou melhor, nos modernistas, reconheço alguns temperamentos singulares. E' certo que em todas as inovações artisticas há muito que tem de desaparecer, de clarificar-se, de estabelecer-se. Bem sabe que as obras de mocidade dos grandes escriptores, se trazem em germen todos os seus valores fundamentais, não são, em geral, as que lhes assinalam um logar de gloria. Entre nós há, enfim, o que poderemos chamar... «o sarampo estético...»

— Mas deles, o João Ameal, o Ferro...

— O Ameal é um belo talento com as irregularidades da mocidade mas com as suas mais raras qualidades! Gosto de o ter por camarada no «Primeiro de Janeiro» — que Jorge de Abreu, não é assim?, conseguiu tornar um grande jornal moderno.

— E o Ferro, o autor da «Leviana»?

— Uma organização invulgar que junta aos paradoxos mais... «levianos», trechos de Arte seguramente esplendidos.

— Agora os Poetas: Americo Durão, Virginia Vitorino...

— «Dos Namorados» já escrevi um largo artigo. Americo Durão — esse tem vóos dum poeta de raça, dum grande poeta...

Julio Brandão quiz ainda acompanhar-me, amavelmente, sollicitamente, pelas outras dependencias do «Museu» — dependencias sempre tristonhas, sempre lugubres, salas onde eu fui encontrar desde um sarcofago romano, boquiaberto, escancarado, sarcofago gélido e brutal, pedregulho que se saciara da carne de certo romano, magistrado, talvez do Imperio, — até aos leques, leves e lindos, leques que teriam visto Luiz XV, Maria Antonieta, leques que foram ageis em aneladas e delicadas mãos de rainha ou princesa — quem sabe? leques espumejantes de Malines, leques que ouviram os galanteios empoados do seculo XVIII, leques de tartaruga rica, de figurinhas Watteauianas, muito doces, leques voluptuosos de plumas, leques de Eugenia de Montijo?, com esmaltes, com nacar e com ouro...

Na sala de pintura antiga, os olhos fogem-me logo para o Jordaens — o flamengo!; procuram depois algumas virgens ingenuas, primitivas, um Cristovão de Figueiredo que Luciano Freire restaurou, o «Cristo» de Vieira Portuense. Encontro-me depois com a «Senhora Dona Maria II» de Bell, com um Brower, dois Fijt, o retrato holandês de Adriaensz Backer...

Mas desta sala os que mais ficam na minha lembrança são os quatro «pastels» de Pillement, as suas scenas pastoris, no amaneirado tom caracteristico do seculo XVII, no seu azul esvaído, muito raro e marcante.

Na escadaria, mais quadros, quadros que eu mal vêjo, mimos de talha, um Arraiolos, grande, no esquisitismo azul dos seus desenhos sobre um fundo gasto cõr de areia. Em baixo, perto duma estante coral colossalmente enorme, vinda de Santa Clara, o sarcofago romano, trabalhado, rodeado de relêvos, boquiaberto sempre, sempre escancarado, simbolo indifferente, a mostrar, a garantir a todos, que a Vida passa e a Arte fica...

ARTUR MACIEL

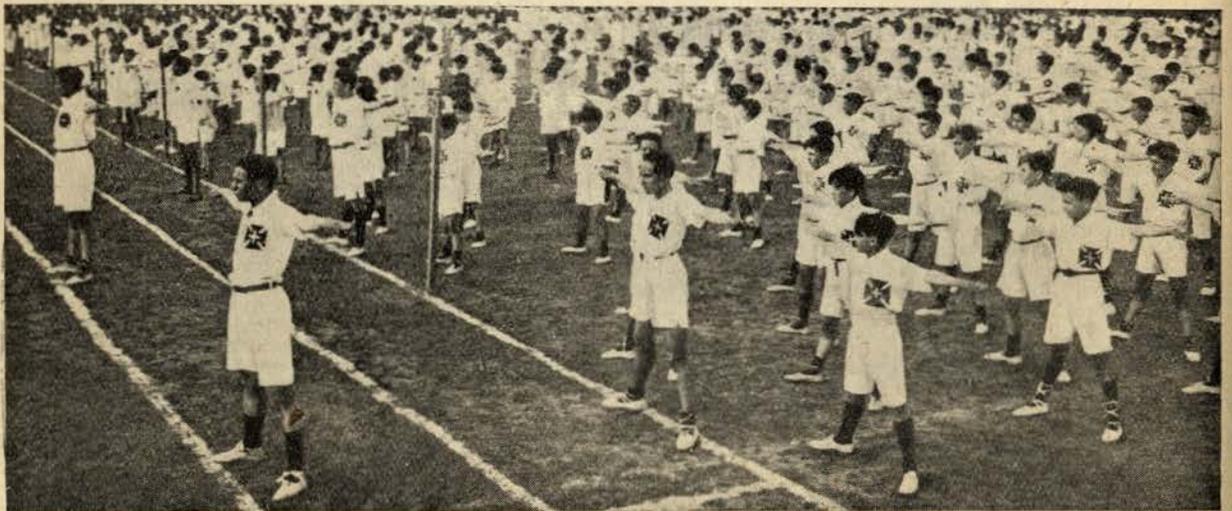


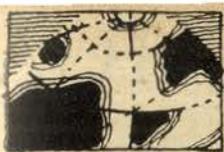
A EDUCAÇÃO FÍSICA EM PORTUGAL

Os países fortes fazem-se, sobretudo, engrandecer-se e desenvolvem-se pela educação muscular das gerações moças. A parada de ginástica no *Stadium*,



ha dias, foi uma exuberante prova de que a juventude portuguesa está criando agilidade, energia, ritmo estético e beleza física.





UM poeta chamou-lhe uma vez a «Ilha de Esmeralda». Outros teem-na chamado a «verde Erin», e o seu simbolo tem sido a simples fôlha de trevo d'um verde esmeralda...

E, todavia, os nossos olhos é d'um vermelho de sangue que sempre a vêem, á pobre Irlanda, debatendo-se pela fé e pela liberdade, em constantes lutas, á vez dos secuios... Ultimamente, para acabar com esse sangrento espectáculo, dado em plena Europa, num seculo



De Valera num *meeting* Irlandez

Agora mesmo está Londres entusiasmada com o anuncio da visita que os dois illustres Guitrys, pai e filho, e M.elle Ivonne Printemps (M.^{me} Sacha Guitry), lhe vão fazer, dando durante um mez seguido uma serie d'espectaculos com seis das melhores peças do seu repertorio. E' a isso que os finos cultores da arte, na grande capital inglêsa, chamam com desvanecimento a «Guitry season», e será uma estação cheia d'aquela elegancia e d'aquela requinte, em que é



Lucien Guitry (*caricatura do desenhista inglêz Kapp*)

de civilização, o governo do Sr. Lloyd George, indo muito ao encontro dum impulso do rei Jorge V, deu-lhe carta de d'alforria, sem todavia se rasgar por completo os êlos que a prendiam ao imperio britânico.

Mas a paz não entrou na verde Erin, onde a alma continua rebelde.

Formaram-se dois partidos: os que se contentaram com a liberdade concedida, esses movem-se á volta do Sr. Collins, e o d'aqueles que entendem não poder haver retrições em materia de liberdade; ou há liberdade ou não a há, simplesmente...

D'esta ultima corrente é chefe o Sr. de Valera, que durante tantos anos viveu exilado nos Estados Unidos, com o titulo de presidente da Republica Irlandeza, e que, com o seu perfil magro, d'asceta e apostolo, é incansavel na propaganda.

Não desesperemos, porém, de vêr realmente soar para a Irlanda, a hora em que seja na verdade a «Ilha d'Esmeralda», e já não a «Ilha de sangue.»

*

NA *entente* politica entre a França e a Inglaterra, não teem com efeito sido poucas as horas de amuo ou de zangas até; mas onde essa *entente* nunca deixa de ser perfeita e inabalavel é nos dominios da grande arte.



Jeanne d'Arc, numa rica tapeçaria antiga



Sacha Guitry (*um dos seus ultimos retratos*)

arbitra e mestre uma sociedade que chegou a produzir espiritos elegantes e requintados como Brummel e Wilde.

Não é esta a primeira vez que os grandes artistas — um dos quaes o Sr. Sacha Guitry, o Guitry filho, é fino actor *double* de talentoso autor — não é esta a primeira vez que os grandes artistas da scena dramatica franceza se encontram com o publico inglêz. Não; estas visitas são, pelo menos, quasi tão frequentes, como as visitas politicas dos chefes dos governos, e certamente muitas vezes terão sido bem mais sinceramente cor-deaes.

*

Com toda a pompa da liturgia religiosa e da liturgia patriótica, por entre hinos triumphaes e bandeiras desfraldadas, com vistosos cortejos historicos e officios divinos celebrados na velha catedral, toda enfeitada de luzes e tapeçarias simbolicas, com sermões sagrados e discursos profanos, celebrou-se, no mez findo, por toda a linda terra de França a festa de Joanne d'Arc, numa união formosissima da fé e do patriotismo, como duas perfumadas flôres nascidas da mesma haste.

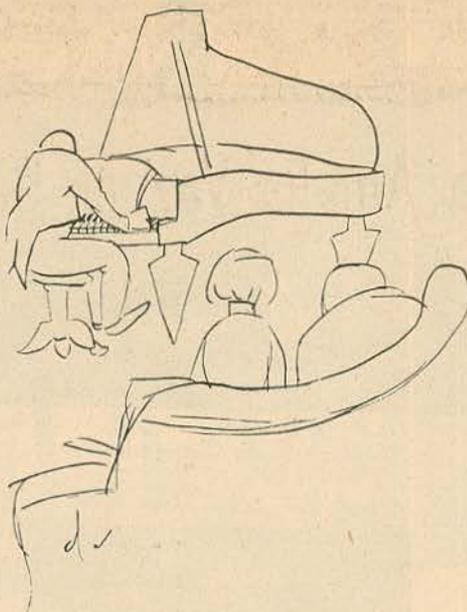
A. R. P.

A SEMANA HUMORISTICA

A BLAGUE DA SEMANA

OS DOIS AMERICANOS

Dois americanos excêntricos «miss» Mary Carle e Mr. Franc Fisher acabaram de casar-se em Atlantic-City. Nada tinha absolutamente de extraordinário se a cerimônia se não tivesse realísado em condições singulares, estando os noivos dentro de água acompanhados sollicitamente pelo official de registo civil e pelo proprio Mayor da cidade e todos, segundo as melhores probabilidades, devidamente encharcados. Todos nós, europeus, temos o direito de perguntar neste momento a nós proprios a que teria obedecido o gesto eminentemente aquatico de Miss Carle e de Mr. Fisher. Excêntridade? Fres-



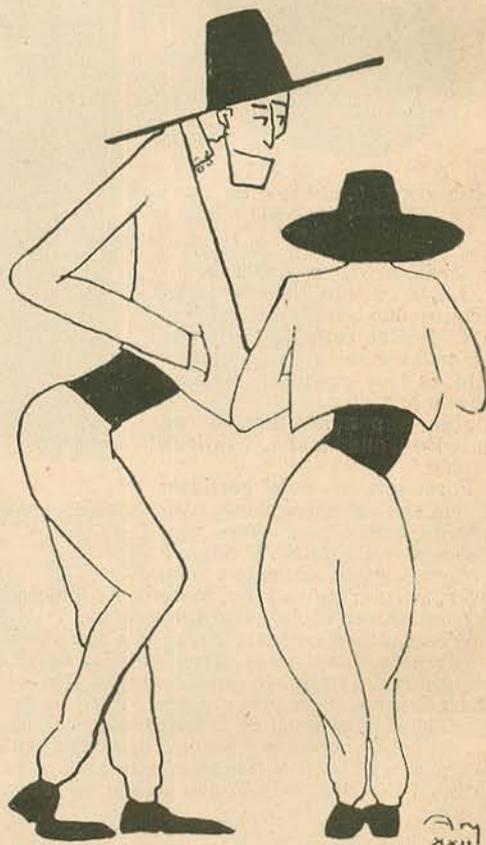
cura? Higiene? O admiravel senso pratico americano ainda ha pouco posto á prova pelo presidente Harding recusando autoridade á conferencia de Genova — autorisa-nos a supôr que os recém-casados de Atlantic-City — convalescentes ainda da constipação matrimonial arranjada no banho, meditaram longamente a sua resolução curiosa. Não foi apenas excêntridade. Não foi apenas frescura. Não foi apenas higiene. Foi muito mais do que isso, meus senhores. «Miss» Mary Carle e Mr. Fisher conseguiram, o mais economicamente possível, fornecer aos convidados um lauto copo de água — um copo de água tão lauto que os encharcou a todos... *xxix*

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

— Isto parece uma sonata...
— Não é! É uma marcha funebre. Não vês que ele só toca nas teclas pretas?...



A Cartomante : — O que mais lhe interessa saber do presente?
O consulense : — Que horas são, se faz favor!...



— Caramba! Aquilo é que foi uma corrida! Ainda não tinha acabado a lide ful levado em triunfo e tive que dar a volta á praça.
— Levado em triunfo?!
— Sim, nas hastes do touro.. *xxix*

Maria Amalia Vaz de Carvalho

I
INDA Menina e Moça ela vivia
na casa de seus Pais, longe do
mundo,
lá no velho Palacio arruinado,
como Flôr ideal que ali sorria
por entre as sombras tristes do Pas-
sado...

Breve era a sua historia,
só tecida de graça e singeleza,
de limpida esperança...
Dum sentir já profundo,
duma bondade que era já Beleza,
mas, inda inconsciente
do seu talento—dessa «realiza»—,
nunca visões de gloria
povoaram seus sonhos de creança...

II
Era em manhã de inverno e ela se
dolente e sonhadora,
a procurar o sol pelos jardins,
divagando, sósinha,
entre loureiros, murtas e alecrins,
quando veio ali ter certa velhinha
do seu conhecimento
e da sua afeição,
que era já pobre e a quem, nesse mo-
mento,

a sorte ia arrancar o abrigo e o pão...
Disse a sua desgraça e, no final,
acrescentou, com lagrimas na voz:
—Minha rica menina,
veja a negramiseria em que me afundo,
e acuda a este mal!
De quem me heide valer
senão de si... a quem também pudéra
chamar, na terra, a «Virgem dos af-
flictos»,

tão boa é para nós!
Não vi no mundo outra bondade igual,
e sou bem velha já!... se já o era
quando a trouxe nos braços pequenina!

A criança procura dar-lhe alento;
mas na su'alma, agora, que tormento!
achando-se a pensar:
«De que me vale a mim todo o em-
penho
«em lhe acudir, se eu mesma nada
tenho...»

Vão bem rudes os tempos no seu lar...
aos seus, portanto, nada quer pedir...
Mas... deixará partir
a pobre, ao desamparo?—«Ah! isso
não!»

lhe responde bem firme o coração. —
E scisma; que fazer?... Els, num «re-
pente,
umã ideia a deixou transfigurada; —
porem guardou-a em si,

dizendo, simplesmente:
«Vai para casa, dorme descansada,
«que eu olharei por ti...»

.....
Naquela mesma noite, á luz amiga
duma lampada antiga,
á branda luz do azeite, ela escrevia
longamente, num ar de iluminada.
Era grande a ambição
que procurava ali realizar:
«Escreve para ganhar...»
dando forma ao sentir, ao pensamento,
ao sonho, á fantasia...
Se a nossa alma pode converter-se
no pão de quem tem fome, ela quizera
assim cumprir o santo mandamento...

Que bem que ela o cumpria!

Na luz do coração fôra ascender-se
a luz do seu talento:
agora a «realiza»,
de si mesmo ignorada, aparecia,
deixando ali, já lindo e succulento,
o seu primeiro fructo de Beleza...

Emquanto ella escrevia,
a chama do azeite, a chama benta,
a chama luarenta,
derramava pacifica dôçura...
A oliveira pôe na sua luz,
religiosa e pura,
a mesma paz que pôe na sua sombra,
quando a terra, num util abandono,
anda a gerar os fructos e as flores
no silencio de Deus, ao sol do outono.

III

A criança dess'hora ainda existe,
—«Figura» enorme, coração já
triste...—

Passaram longos anos e passou
tambem por ella a Vida, longamente;
amou, sorriu, sonhou;
depois sofreu, luctou,
teve a sua «Paixão»... a sua «Cruz»...

Porém aquella luz,
que em já romotos dias se acendeu,
a luz abençoada,
a peregrina luz do seu talento
—confundida co'a luz do coração—
nunca mais se apagou...
Antes cresceu, cresceu,
subio tão alto que se fez estrela.
Todos erguem os olhos para ella,
de toda a parte é vista e é louvada;
e, como é condição
dos astros o viver eternamente,
lá fica derramando
a sua luz de Gloria e de Beleza
por sobre a nossa terra, enfeitando
p'ra todo o sempre a Alma portugueza!

«Pinteus». Setembro 1920.

CANDIDA AYRES DE MAGALHÃES
(Inédito)

AS CAPAS NEGRAS QUE CANTAM



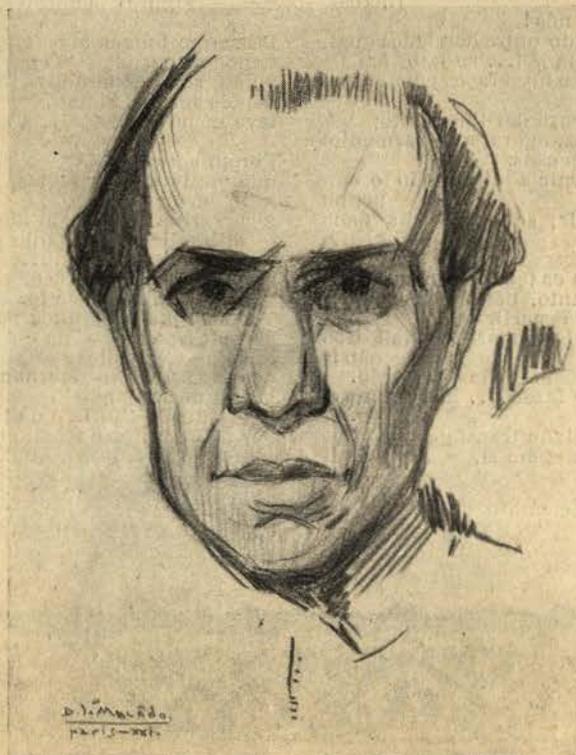
O ORFEON DE COIMBRA.—Os estudantes de Coimbra, capital do Lirismo da Belesa e da Saudade da Raça, tiveram esta semana, em S. Carlos e no Coliseu dos Recreios duas esplendidas noites de consagração e de gloria.



Adieu, Escultura de Diogo de Macedo

D I O G O D E M A C E D O

Diogo de Macedo, ilustre escultor português, um dos mais belos troféus da nova geração de artistas portugueses, acaba de deixar Lisboa para caminhar em demanda de Paris. Diogo de Macedo é um nome já decididamente afirmado entre nós — e que em Paris tem alcançado, com segurança, a estima estética de algumas das figuras mais categorisa-

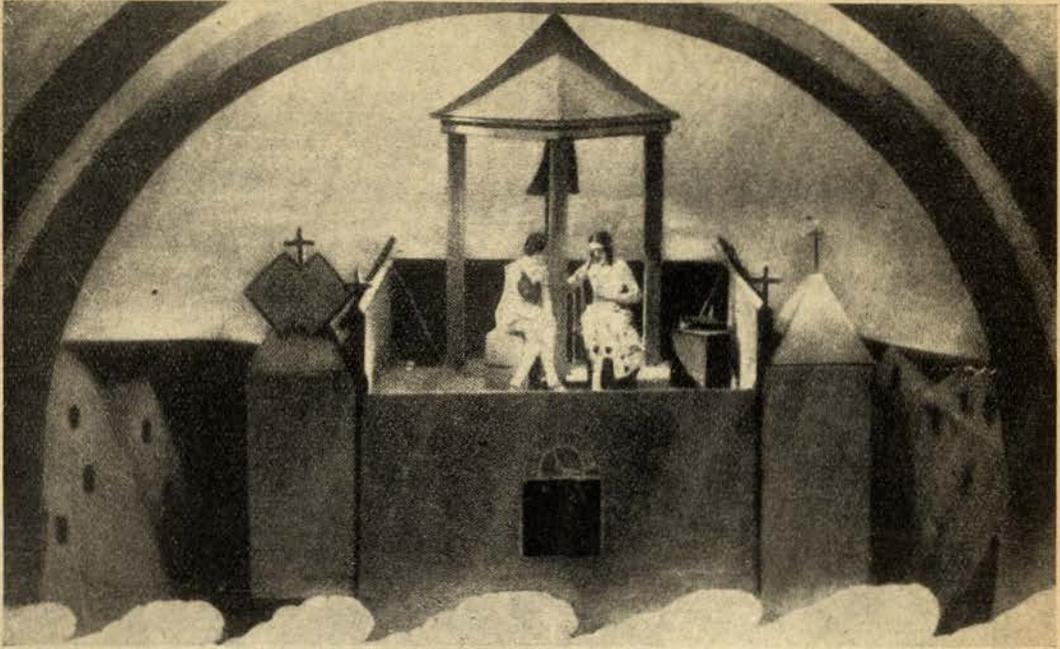


dos do seu meio intelectual.

Já aqui reproduzimos a sua *Fauneza*, que foi exposta na *Société Nationale des Beaux-Arts*. Hoje, damos aos olhos dos nossos leitores a fotografia do seu magnífico grupo *Adieu* e uma cabeça inédita do escultor que ele proprio desenhou, talvez num vago momento de narcisismo...

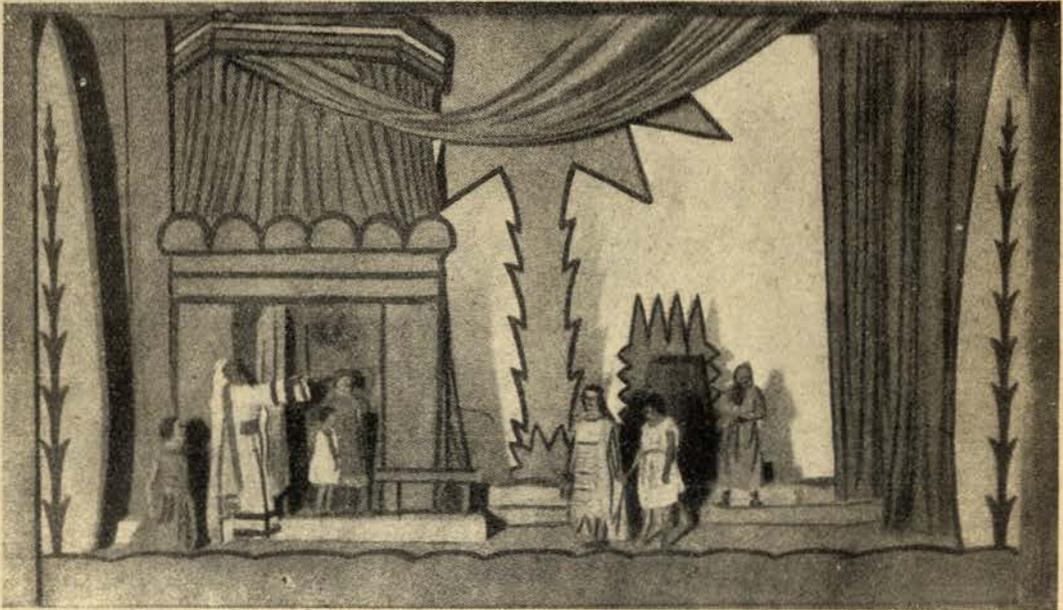
Diogo de Macedo, desenhado por êle proprio

OS SCENARIOS D'ARTE NA ALEMANHA



Um scenário da comédia *Till Lauebens*

(É curioso notar a novidade, a harmonia e a audácia dos scenários alemães do nosso tempo...)



O drama bíblico *Expulsão d'Agar*

(Abrahão abençoa Agar com seu filho Ismael, antes da partida para o deserto).



UM NOVO ESCULTÔR PORTUGUÊS CONSAGRADO EM FRANÇA

NADA mais doloroso, nada mais desolador, do que verificar este paradoxo: os nossos artistas, desconhecidos e desamparados em Portugal, precisam de ir ao estrangeiro para encontrar a consagração decisiva do seu talento.

E' este o caso de Mauricio d'Almeida, o moço escultôr que Paris acaba de homenagear, numa desassombrosa manifestação. Recebido á cidade magnífica e fulgurante, Mauricio d'Almeida é admitido ao Sa-



lon, e é Felix Carpentier, o proprio mestre formidável da estatuaria franceza, quem lh'o comunica entre louvores. Foi um lindo gesto, um gesto duma justiça perfeita e que, dum momento para o outro, lançou o nome dêste portugês. Damos hoje dois aspectos da obra que glorificou Mauricio d'Almeida. Chama-se: *Par la route de la vie* (pelo caminho da vida) e é, como podem observar, duma forte, original e expressiva concepção, profundamente épica e humana.

As exposições da primavera em Paris



L. Gandara: *M.ª Ida Rubinstein.*

INAUGUROU-SE em Paris, com a alegria luminosa da primavera, a «Estação da Arte» numa riqueza colorida de telas.

Nada menos de cinco exposições temos a citar: a da Sociedade Nacional das Belas Artes, a do Salão dos Artistas Franceses, a de Prud'hon no Petit Palais, a dos cem retratos no Circulo Interalliado, e finalmente no Palacio da Legião d'honra



Emile Aubry: *A dama da capa*

uma exposição de retratos dos marechais de França.

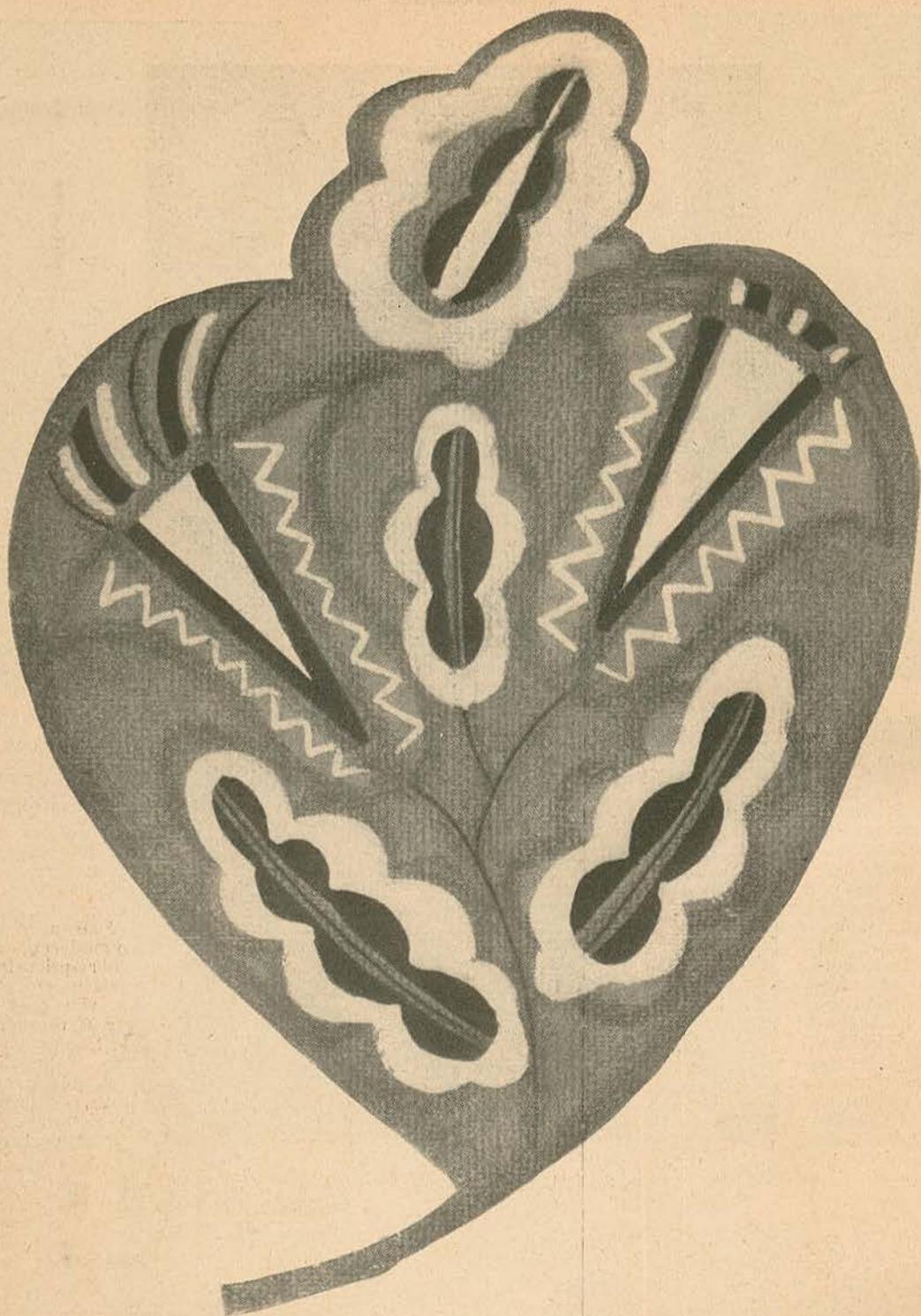
E por todos esses salões, o artista de tudo encontra, desde a tela de factura classica até ao quadro muito moderno, desde a obra-prima inspirada na complicada vida mundana até á reprodução de tranquilas scenas bucolicas, passando por uma grande abundancia de retratos, espelhando almas.



François Flameng: *Festa noturna*



Henri Martin: *A colhetta*



OUTRO AMOR

*OUTRO amor!... Outro amor!... Quem o sonhasse,
Quem soubesse chamal-o com ternu a,
E esculpisse de beijos sua face
Sem manchar os seus labios de candura!...*

*Quem o seu coração advinhasse,
E a sua carne, delicada e pura,
Num lume de paixão incendiasse,
Ardente—como um grito de ventura!...*

*Outro amor!... Outro amor!... A cada instante
Julgo alcançar o meu desejo errante,
E tremo de alegria—e de receio...*

*Para quê outro amor, alma insofrida.
—Se todo o grande amor da tua vida
Foi só a imagem do teu proprio anceio!...*

JOÃO DE BARROS.



Na Alemanha — A medição das costas das mulheres

AS COSTAS FEMININAS

Apesar de, por sua natureza, essencialmente caprichosa e volúvel como todos os sonhos das mulheres, a *Moda* fixa-se, todavia, por vezes num ou noutro ponto para encanto dos sentidos...

Assim tem-se fixado, nas últimas estações, e prometem continuar, os grandes decotes pelas costas abaixo, num deslumbramento de beleza desoculta.

Será em homenagem à moda, ou simplesmente por considerações de educação física e saúde que em terras *yankees*, se abriu o concurso das mais perfeitas costas femininas?...

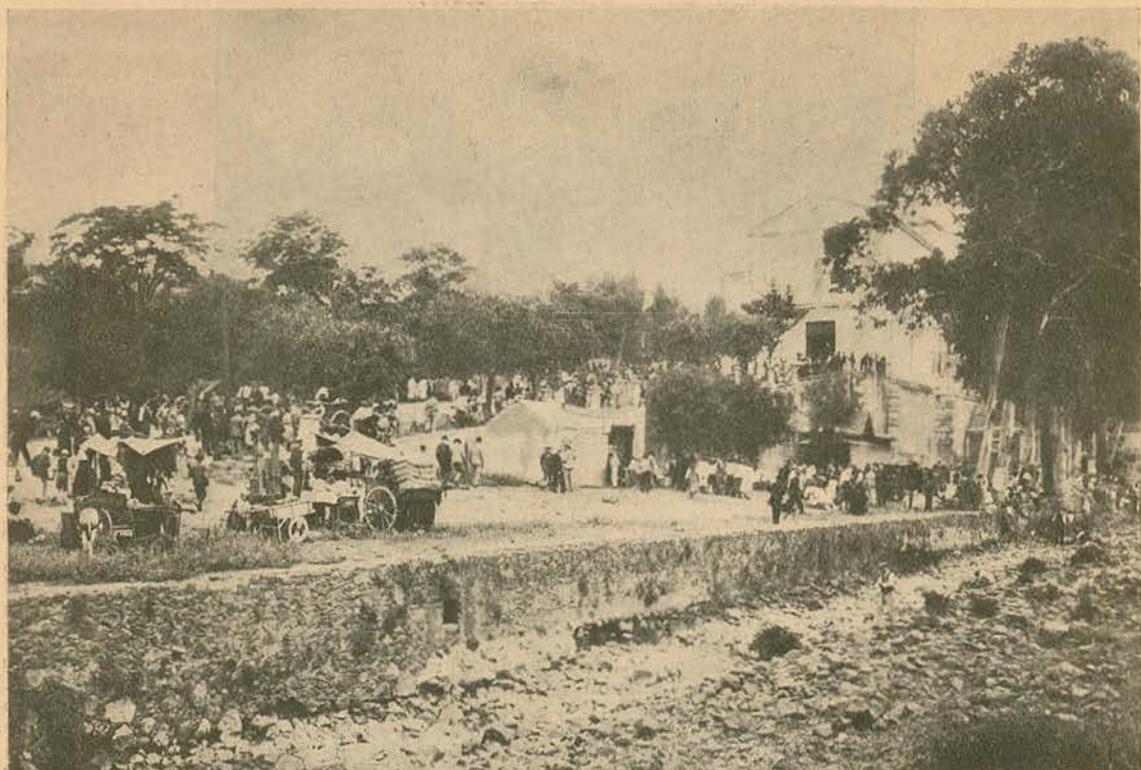
Seja como for, o caso é que uma liga *yankee* de protecção à coluna vertebral e as espaldas sem pecado das mulheres, tomou essa resolução, estabelecendo bons prémios, de milhares de *dollars*, desses *dollars* que nós vemos todos os dias subir vertiginosamente na bolsa portuguesa.

E as damas norte-americanas, querendo sem dúvida contribuir para o bom nome da raça, tem passado sob o olhar americanamente frio, e as medidas americanamente rigorosas, dos médicos encarregados de pronunciar a sua sentença.



MARQUEZ
XVII

SENHORA DA ROCHA



Um aspecto da romaria, que foi concorridíssima

TOMARAM este ano um aspecto de grande acontecimento religioso as festas do centenário do aparecimento da Senhora da Rocha. Diariamente, os mais variados veículos, desde os *camions* até aos velhíssimos carros do *Chora* transportaram para Carnaxide grupos inumeráveis de pessoas, e a aldeia alcançou dessa forma um aspecto inédito d'arraial, com os



seus trajes coloridas, os seus cortejos populares cheios de farneis e de guitarras, todas as suas pequenas arterias borbulhantes de gente, uma gente faladora, alacre, cheia duma vivacidade, barulhenta e ingénua. Grande numero de fieis assistiram á missa solemne celebrada pelo sr. dr. Fernandes de Castro, tendo tomado lugar do lado da epistola, o sr. Arcebispo de Mitilene.

O sr. arcebispo de Mitilene, que presidiu ás cerimónias religiosas



1. — Exposição de objectos referentes ao culto da Senhora da Rocha, na Liga Naval. — (Cliché Salgado). — 2. Mademoiselle Elina Gulmarães, a autora dos versos que publicamos no nosso ultimo numero, pre)



3. — Grupos de discipulas da distinta pianista D. Olimpia d'Azevedo, que tomaram parte no concerto da *Ilustrção Portuguesa*.



OS TREZ MOSQUETEIROS



O primeiro encontro d'Arthagnan com os trez mosqueteiros



Uma cena do grande romance d'Alexandre Dumas

A cinematografia já não é hoje, apenas, um prazer para os olhos — é uma arte para o espirito. No ecrã tudo passa: a vida e a beleza, a paisagem e a história. Entre as obras primas do film, destacam-se aquelas que se destinam a evocar scenas prodigiosas de fantasia, de aventura e de heroísmo. *Os trez mosqueteiros*, o imortal romance d'Alexandre Dumas, que, no cinematografo, se converteu na mais colossal realisação d'Arte, está sendo publicado em folhetins n' *O Seculo* e vai ser exibido em Lisboa e em todo Portugal. Deve ser um sucesso extraordinario, um sucesso unico. Damos a seguir os nomes das terras cujos cinemas já adquiriram o direito de exhibir *Os trez mosqueteiros*: Braga, Figueira da Foz, Faro, Portimão, Matosinhos, Aveiro, Beja, Covilhã, Cezimbra, Guarda,



Milady, a mulher diabólica, a grande inimiga de d'Arthagnan...



Aramis, um dos trez mosqueteiros, elegante, cortezão, aristocrata...

Lagos, Lamego, Portalegre, Vila Real do Sul, Santarem, Elvas, Cascais, Extremoz, Cartaxo, Moreira da Maia, Golegã, Regua, Silves, Píñhel, Tomar, Torres Novas, Campo Maior, Loulé, Abrantes, Curia, Valongo, Alcobaca, Alpiarça, Borba, Felgueiras, Ovar, Vendas Novas, Mirandela, Ermezinde, Caminha, Vila do Conde, Cintra, Payan, Benavente, Beato, Cascais, Coimbra, Foz do Douro, Olhão, Setubal, Aldegalega, Barreiro, Chaves, Espinho, Guimarães, Leiria, Povoia, Vizeu, Evora, Famalicão, Castelo Branco, Santo Tirso, Tavira, Caldas da Rainha, Gouveia, Soure, Penafiel, Amadora, Bragança, Melgaço, Vila Viçosa, Vila Franca de Xira, etc., etc. e em Lisboa os salões: Loreto, Lisboa, Borrailho, Universidade Popular, Arco do Bandeira, Foz, Chantecler, Alcantara, etc.

A paixão de Cristo
na aldeia
de
Oberammergau



1. Cristo e Maria (Anton Lang, Martha Velt)
2. Magdalena, junto da cruz (Paula Kende)

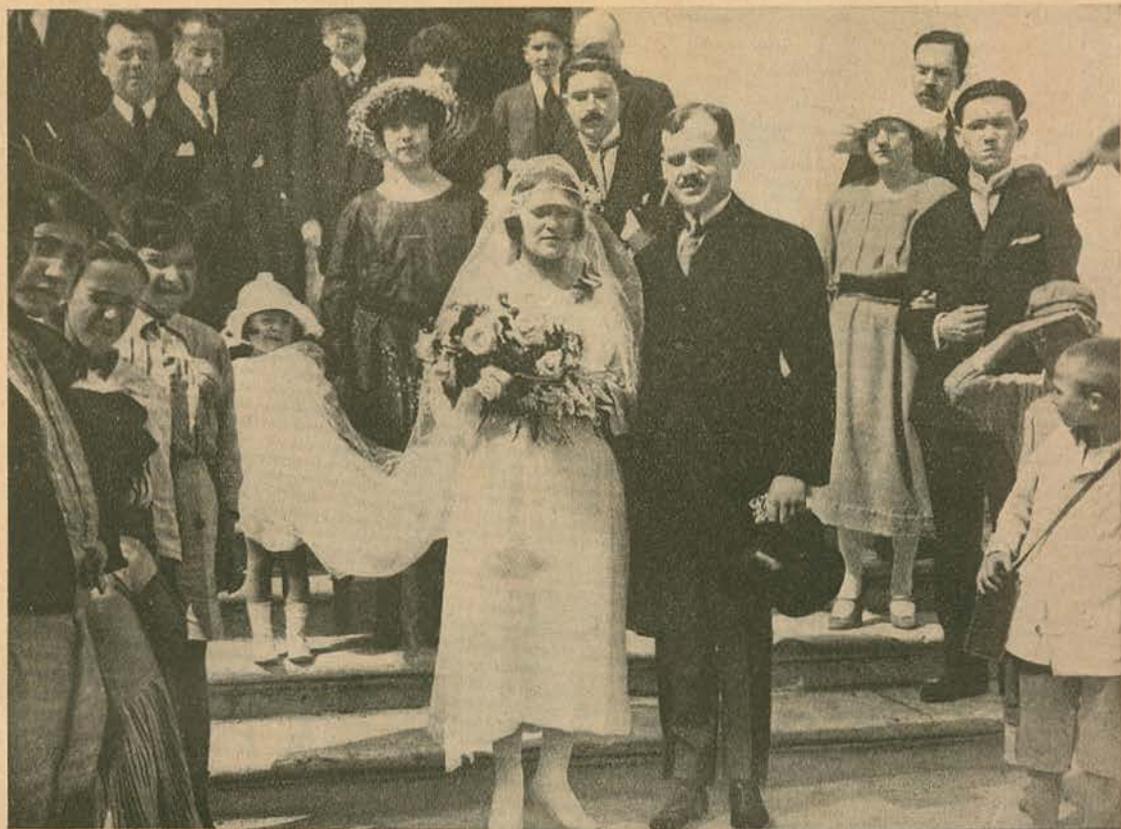
3. Cristo e as mulheres d'Israel
4. S. João (Melchior Brettsamter)

Em cumprimento dum voto já secular, realisou-se mais uma vez na aldeia de Oberammergau, na Baviera, a representação da paixão de Cristo, com todo o rigôr de indumentaria, e nuns scenarios sumptuosos, perante um publico entusiasta e devoto.

São actores dessas gran-



diosas scenas humildes trabalhadores, mas impregnados dum verdadeiro espirito religioso, a ponto de que tendo sido o operario Anton Lang, convidado para a organisação dum *film* na America, recusou, dizendo que se viesse a ser rico seria indigno de continuar a representar Cristo.



O casamento da semana

O sr. Mario Martins, chefe da redação do *Correi da Manhã*, jornalista distinto, ao sair da igreja, depois do seu casamento com a sr.^a D. Palmira de Carvalho.



Maurício d'Almeida

Um grande artista moço

Maurício d'Almeida, o admirável escultor português que, recém-chegado a Paris, despertou á sua volta uma consagração entusiástica devido á sua obra *Par la route de la vie*, que reproduzimos noutra pagina.

Elegancias



Tres graciosas *toilettes* de verão para senhoras muito novas : A primeira, em crepe marocain branco, ornamentado com uns galões largos e tecido de prata bordados a seda vermelho rubro, convem admiravelmente a uma beleza loira; a segunda mais discreta em todos, realisada em crepe da China gris *argent*, tendo como simples guarnição gestões de

pontos e mangas de renda no tom, molda com extrema graça uma silhueta delicada; a terceira composta d'uma saia de sarja branca e d'uma blusa de corte moderno, em crepe marocain cõr d' enxofre, fará resaltar adoravelmente a melamolia d'um olhar uegro e o aveludado d'uma tez morena;

QUEREIS RECORDAR UM PASSADO?

QUEREIS DESVENDAR UM MISTERIO?

PARA TUDO ENCONTAREIS RESPOSTAS CONCISAS E CLARAS

VINDE E TEREIS A CERTEZA



CONSTANÇIA RODRIGUES

DAS 10 DA MANHÃ A'S 8 DA NOITE, EXCEPTO AOS DOMINGOS

LISBOA — RUA DO LORETO, 50, 2.º D.

O HOMEM

MISTERIOSO

Que em 1920 profetizou a morte de **MACHADO SANTOS** e outros acontecimentos publicos (leiam o «Diário de Lisboa», do dia 3-11-921), e diz o vosso passado, presente e futuro, em amores e casamento, negocios, viagens, mudanças de vida, etc., é o *astrologo J. Rabestana*, que se mudou para a Rua Pascoal de Melo, 103, 1.º, frente, Lisboa. Se escrever envie 1:000 réis para a resposta.



Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Accções 300.000\$00

Obrigações 284.220\$00

Fundo de reserva e amor-

tização 380.000\$00

Escudos 1.024.220\$00

SÉDE EM LISBOA. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianafa e Sobreirinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha), instaladas para uma produção annual de 6 milhões de quilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—Escritorios e depositos: LISBOA, 270, rua da Princesa, 276. PORTO, 49, rua de Passos Manuel, 51.—Endereço telegrafico em Lisboa e Porto:—Companhia Prado—N.º telef.: Lisboa, 665. Porto, 117.

MELINA

MATA-FORMIGAS

Vende-se em toda a parte.

Deposito geral:

Fernandes, Almeida & C.ª Limitada

RUA DO LARGO DO CORPO

SANTO, 10, 1.º

DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dôr, coroa d'ouro, dentes sem placa.

R. Eugenio dos Santos, 35, 1.º

TELEPHONE C. 2659

PRISÃO DE VENTRE

Só se cura com as

AGUAS DE SANTA MARTHA (Ericeira)

Deposito geral:

R. Affonso d'Albuquerque, 4
(Cruzes da Sé) Lisboa

Deposito no Porto: R. do Almada, 59-1.

Mães! sem leite

Ou com insuficiencia para alimentar os filhos e que se queiram robustecer, tomem a VITALOSE, que sendo um preparado de sabor muito agradável, lhes traz immediatamente uma grande abundancia de leite forte e purissimo, ao mesmo tempo que as nutre consideravelmente, creando os filhos fortes e sadios sem os perigos dos «biberons» e amas mercenarias.

Assim o atestam publicamente os mais illustres e considerados medicos e n'este facto está justificado o enorme consumo d'este conhecidissimo preparado, não só em Portugal como em muitos outros paizes onde está registado.

Recomenda-se todo o cuidado em verificar se todos os rotulos levam indicação do seu preparador Augusto P de Figueiredo e da Farmacia J. Nobre como seu deposito geral, rejeitando sempre como suspeito qualquer outro preparado que não tenha esta indicação de garantia.

A VITALOSE vende-se em todas as boas farmacias e drogarias e em LISBOA na Farmacia J. Nobre, Rocio, 110 em COIMBRA, na drogaria Pereira Marques, Praça 8 de Maio, 34 e no PORTO na Farmacia Dr. Moreno, largo de S. Domingos, 44. Preço 6\$00. Pelo correio até 3 frascos mais 1\$00.

PASTA COURAÇA



Fabricante
e depositario:

M. B. B. TEIXEIRA

Rua de S. Bento, 230 a 236

Telefone 1364 Central

Telegramas: COURAÇA, Lisboa